

O homem da China

Desidério Kosztolányi

Tradução e apresentação de PAULO RÓNAI*

Lembrança de Kosztolányi

Nascido em Budapeste em 1907, durante o decênio de ouro da moderna literatura húngara (comparável, no Brasil, à década do modernismo) pude conhecer de vista alguns componentes da plêiade aglomerada em redor da revista Nyugat ("Ocidente") que se achava então em plena eclosão de seu talento e de sua popularidade. Não era difícil encontrá-los: sucediam-se os saraus, tardes de autógrafos, recitais de poesia, que os jovens da minha geração freqüentavam com entusiasmo. De mais a mais, Budapeste ainda tinha algo de uma cidade provinciana, onde todos se conheciam. A gente cruzava nas ruas com os grandes nomes das letras, entrevia-os através das vidraças dos cafés; se tinha coragem, podia até saudá-los com uma chapelada. Assim eu também conhecia de vista os meus ídolos de então, mas só com um deles tive maior contato pessoal e esse era Desidério Kosztolányi (Kosztolányi Dezső, 1885-1936).

*Devia essa sorte ao gosto pela tradução que me levava a tentar divulgar, em versões francesas, as letras húngaras. Lá por volta de 1930 praticava esse hobby num jornalzinho *billngüe*, especialmente publicado para turistas, ao qual sugerira amenizar suas páginas pela inserção regular de crônicas. Aceita a sugestão, fui procurá-las primeiro no volume Figuras, em que Kosztolányi reunira reportagens com representantes de diversas profissões: trocadores de bonde, barbeiros, bombeiros, etc., tentando descobrir neles as deformações causadas pelo *métier* e o que conservavam, no entanto, de inapagável e intrinsecamente humano. Como o jornalzinho não ia lá muito bem das pernas, ficou entendido que os honorários seriam pagos depois de cada publicação e seriam entregues por mim em mãos.*

Daf a série de visitas que fiz à casa dos Kosztolányis numa rua escondida e sonolenta do bairro do Castelo. Hoje a casa não existe mais: alguns anos depois da morte do escritor, seria arrasada por um bombardeio durante o assédio da capital, como o dono o preveria num de seus últimos poemas:

*"A casa dormia também, tola, morta,
Tal como faria aqui a cem anos,
Com o mato a sair dos escombros, sem que ninguém soubesse
Se ali esteve nosso lar ou a toca de algum bicho."*

Mas por enquanto a casa ainda está de pé. Constrangido e medroso, toco a campanha. Na sala, surpreendem-me uma opulência e uma ordem burguesas. (Na Hungria de então, os escritores, às voltas com permanentes aperturas, viviam em modestos quartos alugados. De mais a mais, Kosztolányi tinha fama de boêmio e noctâmbulo.) O ambiente sossegado e confortável

* Paulo Rónai é escritor, filólogo e tradutor. Traduziu, entre outros, vários autores húngaros para o português (*Os meninos da rua Paulo*, de Ferenc Molnár, *A tragédia do homem*, de Imre Madách e *Antologia do conto húngaro*).



revelava uma presença feminina. E, efetivamente, quem vem fazer contas comigo é a esposa do escritor, atriz e escritora, a futura biógrafa do marido, D. Ilona (cujo nome mereceria deste uma poesia onomástica, altamente musical, lúdica e carinhosa). Cortês e ausente, o poeta não interfere; só mostra interesse ao pegar a tradução da crônica que vai comentando com curiosidade e competência.

A cena se repetiria várias vezes, sem que diminuíssem minha admiração e meu carinho pelo dono da casa: enquanto a esposa ia fazendo as contas, o marido, charmeur e aéreo atrás da eterna gravata borboleta, com uma madeixa caindo-lhe na testa, dava a impressão de uma criança mimada e desinteressada. De vez em quando a sala seria cruzada por um adolescente: Adão, filho do casal, enfermigo, que, inadaptado à vida, morreria cedo.

Aquela pose de menino desgarrado era assumida propositadamente pelo poeta? Ou era apenas uma impressão do visitante, que não podia separá-la do livro célebre de Kosztolányi, *Queixas da pobre criancinha*? Nesse volume de versos, que o tornou famoso desde 1910, Kosztolányi ressuscita seus espantos de menininho ante o mundo dos adultos, em que tudo é mistério. Essa palavra “espanto” exprime, aliás, fielmente, sua atitude diante do mundo em seus demais volumes de versos: *Magia*, *Papoula*, *Pão e vinho*, *Queixas do adulto triste*; é a sensação que ele experimenta diante de todos os fenômenos da vida: o mistério dos rostos humanos, os segredos das casas, a alma oculta dos objetos, o tédio das cidadezinhas, a excitação caótica da metrópole, a vertigem da técnica, as variantes da solidão, os estragos das doenças, a passagem dos anos. O tom desses volumes torna-se cada vez mais sombrio: atento a todos os detalhes da vida, o poeta está cada vez mais obsedado pela morte. “A minha mensagem única, por menor que seja o assunto que me detém, é esta: Hei de morrer. Tenho um desprezo profundo pelos escritores que têm outras mensagens além desta: problemas sociais, as relações entre os sexos, a luta das raças, etc. Sinto enjôo quando me ocorre como eles estão limitados, como o seu trabalho é supérfluo e como lhes dá orgulho.” Daí a compaixão que lhe inspiram todos os seus semelhantes, especialmente os humildes e os fracos e, sobretudo, ele próprio. No entanto, seus versos são brincalhões, suas rimas, rebuscadas, seu ritmo, festivo. A crítica censura-o pela sua leveza e “facilidade”, acusação que o revolta e à qual responde mantendo o mesmo tom lúdico, as rimas ricas, as aliterações, os jogos de palavras mesmo nas imensas poesias de despedida – “*Embriaguez na madrugada*”, “*Recolhimento de setembro*”, “*Oração fúnebre*” – no auge do sofrimento em que uma doença cruel envolveu seus últimos anos.

Estudante eterno, não parava de aprender línguas para pô-las a serviço de seu talento inato de tradutor. Seus três volumes de traduções poéticas constituem, para os leitores húngaros, inestimável introdução à lírica universal. Em suas versões buscava a semelhança musical de preferência a uma fidelidade servil no transplante do sentido. Todas elas revelam a identidade do tradutor à primeira vista.

Em Kosztolányi, o prosador não era inferior ao poeta. Deixou centenas de contos em que geralmente pouca coisa acontece, mas que têm um segundo sentido, algo transcendental que passa despercebido às personagens. Eles abrem-nos janelas sobre os precipícios que beiramos dia a dia e apontam o significado mágico dos casos mais banais. O protagonista de algumas dúzias é Esti Kornél, um alter ego de curiosidade ilimitada, que passa a vida em experiências psicológicas**.

Pela primeira vez na Hungria o nosso autor aproveita os resultados da psicanálise em seus romances, onde aparece como o analista de seres fracassados chegados à beira do desespero. Em *O médico ruim* revela a influência nefasta de um erro médico na vida de um casal. Em *O poeta sangrento* aponta a origem da loucura do imperador Nero na mediocridade de seus dotes líricos. Em *Cotovia*, faz com que um casal de velhos descubra, durante uma ausência da filha solteira, feia e mimada, o ódio que ela lhes inspira misturado à ternura. *Papagaio de ouro* é o drama do professor sensível e correto, frustrado quando agredido por um ex-aluno, e destruído

** Da obra de Kosztolányi estão acessíveis em português dez contos, dos quais cinco incluídos em *Antologia do conto húngaro* (1956) e cinco – entre eles “O homem da China” – em *Contos húngaros* (1964), em tradução nossa, com revisão de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Desidério Kosztolányi
(1885-1936), considerado o maior contista húngaro deste século, e que também foi poeta

quando outro lhe seqüestra a filha. No mais surpreendente e pungente de seus romances, Ana, a doce, a criada ideal, num momento de revolta, assassina os patrões, representantes típicos de uma classe média incapaz de ver seres humanos em seus serviços.

O desmembramento da Hungria depois da Primeira Guerra Mundial, em 1918, fora sentido pelo escritor (nascido numa das cidades húngaras anexadas pela Iugoslávia) como um trauma pessoal. Essa ferida nunca cicatrizou e o levou a temer o fim da Hungria milenar, fim que tentava prevenir pela defesa apaixonada da língua magyar. Combatia o mau uso desse idioma, e denunciava, pelo exemplo e pela doutrinação, seu tratamento indevido; apontava-lhe a extraordinária expressividade e desencadeou uma cruzada contra o emprego desnecessário de palavras de empréstimo. O escritor mais cosmopolita da Hungria, o de horizontes mais amplos e de mente mais aberta, tornou-se o paladino da velha língua asiática, sobrevivente por milagre no meio de uma Europa hostil.

A crítica oficial, inspirada no stalinismo, menosprezou os livros de Kosztolányi, durante muitos anos, como produtos da decadência burguesa. Mas sua obra resistiu aos ataques e ao desdém impondo-se pela extensão, pela variedade e pela universalidade, e hoje é lida e admirada sem reservas.

– Então – perguntou o conselheiro – o senhor sabe chinês?

L Houve um silêncio glacial. O charuto do conselheiro ardia com uma luz carmesim. Cercado pelos convivas do sarau, o pequeno jornalista cambaleava sob o impacto da pergunta, com feições agonizantes, o nariz canino a fa-rejar, as faces escavadas como um balão esvaziado. Estava sendo fitado por bocas assestadas para o riso, primeiro com os cantos tristemente caídos e, logo em seguida, levantados para se alargarem na distensão relaxadora do riso. Já vinha o ribombar da gargalhada, surdo como o estrondo do canhão enquanto a bala ainda está no cano, com o estopim a crepitar. Apareciam mais fisionomias cheias de curiosidade. Por um triz um convidado não deixou cair o copo. Amigos da infeliz vítima, rodeá-vam-lo ansiosos, observando o escurecimento do seu rosto erguido. De repente, porém, este refulgiu, frio e digno, e gelou o sorriso nos demais rostos.

– Sei – respondeu.

2 O riso estourou daí a pouco, numa sacada. Nós outros, que conhecíamos Félix das redações e dos cafés, não pudemos abafar a gargalhada. Duas bochechas cheias de ar explodiram. A casquinada brincava de esconde-esconde, estourava e sacudia-se convulsiva, corria e dançava desenfreadamente, apontando ora aqui ora ali, como, durante a vindima, os petardos escondidos entre a folhagem. Não podia haver novidade mais engraçada do que aquela: Félix, o pequeno jornalista amarelo, falava chinês.

Ele se assemelhava a uma passa de ameixa. Humilde e triste, uns pêlos ralos e amarelos a penderem-lhe do queixo, mourejava, sob as lâmpadas das redações, a traduzir pensosamente – do alemão – contos chineses. Depois, passava-os a limpo com cuidado e soltava um suspiro.

– Não há outro país como a China, meu velho. É lá que eu gostaria de viver, não aqui.

– Por quê? – perguntei-lhe certa vez, sem ter resposta.

3 Terminado o sarau, saímos juntos. Ele avançava casmurro e calado, como que empurrado por febre estranha, pairando em cima da rua como um toldo na tempestade. Bebia a grandes goles a humilhação que lhe entupia a boca, o nariz, todo o corpo. Querendo levar a coisa na brincadeira, eu lhe disse sorrindo:

– Você saiu-se desta às mil maravilhas.

– Como assim? – perguntou, desconfiado.

– Estou me referindo àquele negócio de falar chinês. Esse conselheiro idiota acabou convencido de que você fala mesmo.

Félix encarou-me com fixidez, um ricto a contrair-lhe a boca.

– Você está enganado – balbuciou. – Eu falo mesmo. Não com fluência, mas sempre arranho alguma coisa.

Tínhamos chegado ao portão da casa onde ele morava. Estendeu-me a mão e desapareceu às pressas, deixando-me sozinho na noite. Não tivera forças para contradizê-lo. Quis rir, mas senti arrepios. – “Coitado! enlouqueceu completamente” – disse de mim para mim.

4 A confusão foi crescendo-lhe ao redor em ondas sonoras. Levamos uma semana a troçar dele. Na semana seguinte, já encolhíamos os ombros. Af Félix passou a desafiar-nos, a isolar-se.

Lembrava um eremita, um santo abobalhado. Deixou de conviver conosco, tornou-se organizado e pontual. Ia e vinha sem uma palavra, revestido de uma dignidade oriental. Tornara-se o homem da China. Era quem recebia a política chinesa, as curiosidades orientais, e tudo quanto se referia à China – poesia, artigos, notícias – passava a ser encaminhado para ele. Nessa altura nada mais podia deter a avalanche. Certo dia um gaiato se lembrou de escrever debaixo de um daqueles contos: “traduzido do original chinês”. O destino de Félix estava selado.

5 Não sei como o enfrentou. Verificamos apenas que ficou mais grave. Talvez até se regozijasse com aquela moeda que – pobre mendigo cego – um dia encontrara às apalpadelas. Devia estar dominado pelo fascínio do Oriente longínquo.

Certa noite fui visitá-lo. O seu quarto já se assemelhava então a um ninho de pega, berrante e multicolor, onde se amontoavam ninharias as mais tolas, aparelhos de chá, estantes, porcelanas, vasos chineses. Na mesa, potes de nanquim entre livros de Tao e Confúcio. Acima da cama, uma estatueta parda e quieta, bochechuda e de peitos pendentes, um aterrador Buda de madeira que nos encarava com olhos indiferentes, a mim e ao pálido Félix, a quem uma palavra, uma brincadeira tola, uma troça de carnaval tornara seu adepto.

– Gasto nisto todo o dinheiro que tenho.

A sua biblioteca, disposta na tampa do caixote de carvão, consistia numa coleção de escritos chineses, estranhos pergaminhos, garatujas confusas. Numa prateleira, outra estatueta, de ferro.

– O Deus da Destruição.

Entregou-me. Era um gnomo maligno e chocarreiro, uma divindade perversa que se ri de tudo, num esgar, tripudia feroz sobre vidas e ruínas, agitando o rabicho com fúria: a destruição em carne e osso. Olhei-o assustado na penumbra, e por um nada não o deixei cair.

6 – Minha gente – disse eu no dia seguinte – a brincadeira foi longe demais. Convém pararmos. Imaginem: esse infeliz acabou mesmo aprendendo chinês.

– Formidável! – berraram uns.

– Horrível! – balbuciaram outros, pálidos.

Sentimos frio e calor ao mesmo tempo. Mas o homem da China já não podia ser salvo. Evitava-nos, com os seus livros e os seus trapos. Ao cabo de alguns meses, mal lhe púnhamos os olhos em cima. Certa vez alguém o viu num restaurante no momento em que um desses chineses vendedores de bugigangas acostou à sua mesa e lhe ofereceu cinzeiros. Parece que os dois trocaram frases em chinês, sorrindo satisfeitos, felizes um com o outro. Há quem diga, porém, que esse encontro foi também inventado. Pelo contrário, o infeliz temia os chineses e, se os via de longe, fugia, deixando na mesa o jantar e o copo de vinho – só para não ter de travar conversa com eles e ficar com a pecha de mentiroso.

Passou-se um ano sem que eu o visse. De repente, encontrei-o na avenida de Üllö depois da meia-noite. Reduzido quase a esqueleto, não me reconheceu quando o cumprimentei. Nunca mais voltei a vê-lo.



SE, QUARENTA COMPLETOS

Se, quarenta completos, uma noite acordas e depois por muito tempo não consegues dormir. Olhas no escuro teu quarto. Devaneias lento nisso e naquilo. Olhos abertos, jazes como na cova um dia. Essa virada é quando a tua vida toma um novo rumo. Pasma-te ter vivido entre terra e estrelas. Algo frívolo te ocorre. Brincas com isso. Cansas e o descartas. Ouves algum ruído então na rua. Sabes que quer dizer cada ruído. Nem estás triste. Só sereno, atento. Quase calmo. Suspiras e te voltas para a parede. Dormes novamente.

Vista do rio Duna (Danúbio), símbolo nacional da Hungria. ("Se quarenta completos" in *Canção antes da ceifa – poesia húngara do século 20, tradução e organização de Nelson Ascher – prefácio de Paulo Rónai. São Paulo, Editora Arte Pau-Brasil, 1990, 58 pp.*)



Naquela altura ele já estava muito longe, na China, entre as torres de porcelana, ou ainda mais além.

Nem me surpreendi muito ao receber dele, alguns anos depois, uma carta de Pequim. Escreveu-me que estava bem, trabalhava, vivia feliz. Enquanto o lia, o charuto tornou-se amargo entre os meus lábios, o livro que eu lia perdeu todo o interesse. Talvez eu mesmo fosse morrer um dia, pensei, só porque alguém dá uma gargalhada.

Depois, por muito tempo, ficamos sem notícias dele.

Soube há pouco que morreu neste verão, num dia tórrido de agosto, levado pela febre amarela. Passara muita miséria, ganhando a vida a pintar em seda crua figuras estranhas, quimeras. Mas a morte, acolheu-a com a tranquilidade de um sábio oriental. À cabeceira da sua cama havia uma chavenazinha de chá numa mesinha de bambu, e uma enfermeirinha chinesa de olhos oblíquos velava-lhe a agonia.

Dizem, aliás, que nos últimos anos já falava o chinês razoavelmente.